

## 6

### Considerações finais

#### 6.1

##### Entre o presente vivido e o futuro sonhado

Como proposta inicial este presente trabalho buscou compreender qual seria o sentido da experiência escolar para alunos das camadas populares. Para tal, o trabalho de campo foi indispensável e a relação diária com os alunos, a troca, a conversa, a observação, foram fatores fundamentais que possibilitaram a percepção da importância que a escola possui na vida desses jovens.

De uma forma geral o sentido da experiência escolar para esses jovens pode ser dividido em dois pontos principais: importância da escola como possibilidade de mobilidade social – percepção voltada para um futuro “sonhado” – e valorização da escola como lugar de socialização – o lugar do encontro, da troca de experiências, formação de identidades.

Para esses jovens oriundos das camadas populares, a escola mostra-se como principal alternativa para uma possível ascensão social. A escola está completamente associada à conquista dos sonhos futuros, como se, sem ela, não fosse possível alimentar uma esperança de melhoria de vida. A escola para esses sujeitos é esperança. Ir a escola todos os dias seria como estar caminhando lentamente para chegar mais próximo do sonho – tornar-se bombeiro, enfermeira, professora, arquiteto, enfim, ter uma profissão. Para esses jovens, conquistar um lugar no mercado de trabalho é o objetivo de vida, a chance de, como eles dizem, *ser alguém*. No entanto, estar na escola, ser aprovado, adaptar-se às regras escolares não parece ter sido tarefa fácil para eles.

Ao analisarmos as taxas de reprovação podemos perceber que praticamente metade da turma já havia sido reprovada em algum momento de seu percurso escolar. Ao serem questionados sobre os motivos das reprovações, a maioria dos alunos se culpou, afirmando não ter estudado o suficiente. Quando foi lançada a pergunta de por que não estudaram o suficiente, muitos jovens responderam que *estudar é difícil, a matéria é difícil, dá preguiça, fico cansado*. Essas respostas transparecem uma inadequação desse indivíduo ao ambiente

escolar. Para esses jovens parece ser bem mais complicado compreender as *regras do jogo*<sup>1</sup>.

Segundo Daniel Thin<sup>2</sup>, existe uma lógica de confrontação desigual que ocorre entre dois conjuntos de lógicas socializadoras relativamente distintas uma da outra – as lógicas escolares e as lógicas oriundas das camadas populares. Essa confrontação entre dois pólos, ou duas lógicas, se configura numa relação desigual, pois as práticas e lógicas escolares tendem a se impor às famílias populares. A forma escolar de pensar, de fazer – com tempo e espaços específicos, com ritmos próprios da escola e regras a serem obedecidas -, não se encaixa, não se enquadra com o modo das famílias populares de viver. Thin afirma que essas lógicas socializadoras populares enraízam-se e perpetuam-se por meio da socialização familiar, das condições sociais de existência que se afastam das lógicas escolares e da própria escolarização (ou falta de escolarização) dos pais, que está na base de sua relação com a escola. Assim contrariamente ao modo escolar, que tende a separar tempo de aprendizagens e tempo de práticas, a socialização familiar no ambiente popular acontece principalmente através dos atos da vida cotidiana, na convivência de adultos e crianças, sem separação da vida comum da família ou do bairro. Os pais não constroem momentos específicos de ação educativa com seus filhos, como podemos observar nas famílias de classes médias superiores. Eles não transformam os momentos de jogo em momentos educativos, mas os vivem como momentos de prazer compartilhado, com frequência em relações corporais pouco mediatizadas por jogos que impõem regras formais. As diferenças passam, segundo o autor, também pelas práticas de linguagem que, sinalizam um fraco domínio da linguagem escolar.

---

<sup>1</sup> Expressão utilizada por Phillippe Perrenoud para definir a forma que os alunos se relacionam com a escola. Segundo o autor determinados alunos conseguem compreender as regras do jogo, ou seja, conseguem lidar com a experiência escolar dedicando o mínimo de esforço possível às tarefas para conseguirem se sair bem, conseguindo evitar o mal maior que seria uma possível reprovação. Os alunos que conhecem as regras do jogo conseguem cumprir mais facilmente o seu ofício de aluno e mesmo dedicando o mínimo de esforço à escola, conquistam resultados satisfatórios. Ver PERRENOUD, Phillippe. *Op. cit.*; p. 14 – 27.

<sup>2</sup> THIN, Daniel. Para uma análise das relações entre famílias populares e a escola: confrontação entre lógicas socializadoras. **Revista Brasileira de Educação**, v. 11, n. 32, maio/ago. 2006.

No universo pesquisado, todos os alunos afirmaram que conversam com os seus pais sobre a escola, no entanto, disseram que seus pais nunca olham seus cadernos e que raramente vão às reuniões de pais. Porém, mesmo não indo à reuniões de pais, muitos deles ficam preocupados com os resultados dos filhos. Nesse contexto, o que foi evidenciado segundo a fala dos alunos, foram pais preocupados com o futuro dos filhos, mas sem saber como ajudá-los para que a relação desse jovem com a escola desse certo. Seria como se esses pais não encontrassem os mecanismos necessários para ajudarem seus filhos – filhos que também não sabiam como encarar a situação de conflito no ambiente escolar.

Para essas famílias, para esses jovens, é como se a lógica da escola fosse outra, diferente de sua lógica de vida. E, com isso, fica difícil haver um enquadramento harmonioso. A falta de sentido em relação à escola, ao que é aprendido nela, é decorrente justamente dessa falta de identificação com a instituição. São lógicas diferenciadas. E a escola espera desses jovens o que eles não são capazes de dar. Com isso, as reprovações nada mais seriam do que resultado desse processo.

A falta de sentido em relação aos saberes que devem ser adquiridos na instituição escolar também faz parte desse processo. Para esses jovens, que pertencem a lógicas completamente diferentes das lógicas escolares, os saberes ligados ao currículo formal são apenas mais um ponto de desencontro. Não há sentido para a vida desses jovens aprenderem o que a escola acha que é relevante. Para eles, outras coisas são importantes. Charlot afirma que muitas vezes esses jovens da periferia não sabem como resolver um problema matemático abstrato em sala de aula, mas são capazes de trabalhar na rua vendendo coisas e tratar muito bem com o dinheiro. Ou que não sabem determinadas regras gramaticais da língua, mas sabem lidar com os problemas cotidianos da vida, são espertos e sabem negociar, sabem lidar com os problemas da rua, ao contrário dos filhos das elites. Essa falta de sentido acaba apontando para uma relação utilitarista, pois focam na utilidade do diploma, que virá caso eles consigam, de uma forma ou de outra, com ou sem reprovações, jogar o jogo, mesmo que do jeito deles. E a sociabilidade, a amizade, a troca, a vivência na escola, seria o sentido que encobre o vazio deixado pela falta de sentido em relação aos saberes. E os jovens parecem

saber e reconhecer isso, pois foram justamente eles que deixaram transparecer essa percepção.

A relação desses jovens com os saberes na escola não é fácil. E eles percebem que precisam aprender a lidar com isso de alguma forma, pois necessitam desses saberes para a conquista do diploma, mesmo que seja somente para o momento das avaliações. Os jovens reconhecem que vão ter que *remar contra a maré, nadar contra a corrente*, utilizando expressões deles mesmos, para a conquista do certificado escolar. Está muito claro para esses adolescentes que a conquista do diploma não é algo que virá de um jeito ou de outro, mas através de muita dificuldade para conseguirem driblar as regras do jogo.

Para Bourdieu<sup>3</sup>, cada família transmite a seus filhos um certo capital cultural e um certo *ethos*, que contribuem para definir as atitudes frente ao capital cultural e à instituição escolar. Dessa forma, as desigualdades sociais pesam muito sobre as desigualdades escolares. Segundo esse autor, para os jovens das camadas populares obterem êxito pleno em seus percursos escolares, seria preciso que todos conhecessem a regra do jogo. No entanto, não é assim que o sistema funciona. O que leva esse autor a afirmar que a escola que se diz justa é, na verdade, injusta.

O regime meritocrático - que afirma dar a mesma oportunidade a todos - acaba criando uma ilusão de que seu sucesso só depende de você, da sua dedicação, pois você é autor de si mesmo. E esse jovens, muitas vezes reprovados, acabam sentindo-se culpados e carregam sozinhos o peso do fracasso. Para Dubet<sup>4</sup>, nesse sistema meritocrático a escola tornou-se mais justa quando permitiu que todos entrassem na competição, mas infelizmente todos não saem do mesmo ponto de partida. Para as camadas populares o ponto de partida é bem mais recuado. Nesse contexto, a relação desses jovens com a escola vem sempre embalada por uma trajetória repleta de percalços e desencontros.

De uma forma geral, a escola por si só não consegue responder aos desafios da inserção social dos jovens, tendo poder limitado na superação das desigualdades sociais e nos processos de emancipação social. Sabe-se que, na

---

<sup>3</sup> Sobre esse assunto ver: Bourdieu, Pierre. In: NOGUEIRA, Maria Alice e CATANI, Afrânio (orgs.) **Escritos de Educação: Pierre Bourdieu**. Petrópolis, Vozes, 1998, p. 39-69.

<sup>4</sup> DUBET, François. A escola e a exclusão. **Cadernos de Pesquisa**, n. 19, julho 2003, p. 29-45.

realidade, a maioria dos sonhos futuros desses jovens não se realizará. A conquista do diploma de Ensino Médio ocorre, mas, muitas vezes, fazer valer esse diploma no mercado de trabalho e na conquista da aprovação para o vestibular não parece simples. As lacunas deixadas por um sistema de ensino insuficiente pesam por toda a vida e são poucos os que conseguem superá-las. Segundo Dubet, no final das contas os jovens socialmente mais favorecidos, que dispõem de maiores recursos para o sucesso, são também privilegiados por um conjunto de mecanismos sutis, próprios do funcionamento da escola, que beneficia os mais beneficiados.

Dentro de seus próprios princípios e acompanhando a massificação, a escola afirma a igualdade de todos. Essa massificação reforçou a crença de que, cada um tem o direito de aspirar a todas as ambições escolares. Mas, por outro lado, a escola é meritocrática: ela ordena, hierarquiza, classifica, reprova os indivíduos em função de seus méritos. Sendo assim, muitos acabam excluídos, pois não conseguem corresponder às exigências. Diante disso, para Dubet, a escola é, ela própria, o agente de uma exclusão específica que transforma a experiência dos alunos e abre uma crise de sentido nos estudos, às vezes, até de legitimidade da instituição escolar. A meritocracia parte do princípio de que cada um pode obter sucesso na escola em função de seu trabalho e de suas qualidades. Porém, apesar de todos frequentarem a escola e participarem dessa competição para o sucesso, qual seriam as escolas que esses jovens frequentam? Qual a qualidade dessas instituições? Que chances essa instituição dá a seus alunos de desenvolverem suas habilidades? Dessa forma, Dubet afirma que a escola meritocrática acaba legitimando as desigualdades sociais.

Segundo Dubet, a situação atual é muito injusta, pois uns podem escapar dela e outros não. Por isso, é preciso, principalmente, assegurar a igualdade de oferta educacional para suprimir alguns privilégios, algumas cumplicidades que existem entre a escola e determinados grupos sociais. Essa é, como afirma o autor, uma luta essencial para a justiça escolar. E um sistema justo, ou menos injusto, não seria o que reduz as desigualdades entre os melhores e os mais fracos, mas o que garante aquisições e competências vistas como

elementares para os alunos menos favorecidos.<sup>5</sup> Para o autor a escola de massas está esmagada por seu próprio poder, pela influência que exerce sobre o destino dos indivíduos, o que contribui para torná-la injusta. E esses indivíduos, que muito esperam da escola, se decepcionam profundamente ao perceberem que o futuro sonhado não depende apenas da conquista do diploma. Com isso, percebe-se que o sentido que leva esses jovens à escola todos os dias, a conquista do certificado escolar, passaporte para o futuro sonhado, se esvazia em muitos casos. Infelizmente, esse sentido que os jovens atribuem à escola não passa de uma ilusão, alimentada pela falta de oportunidades e pela esperança de mobilidade social que, na maioria das vezes, não se efetiva.

---

<sup>5</sup> DUBET, François. O que é uma escola justa? **Cadernos de Pesquisa**, v. 34, n. 123, set/dez. 2004, p. 547.